

# 128 "É como tabelar cavalos"

"O spread bancário é como um cavalo. Se não existem dois cavalos iguais, naturalmente, os preços têm de ser diferentes." Foi com essa comparação que o presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Amaury Temporal, demonstrou seu ceticismo em relação à medida de tabelamento do spread (taxa de intermediação financeira) que foi anunciada ontem pelo governo. Ele disse que só poderá concordar com o tabelamento, se "alguém conseguir explicar como isso é possível".

"Eu entendo que se possa tabelar automóveis e carne de vaca, por exemplo. Mas como tabelar cavalos? Não vejo como bancos com custos de captação diferentes possam ter o mesmo spread. Há toda uma avaliação de riscos em cada empréstimo. Como vamos equalizar tudo isso? Para mim, é um mistério" — afirmou Temporal.

Amaury Temporal entende que a taxa de juros tem três componentes básicos: a inflação, a expectativa inflacionária e o spread. Os dois primeiros correspondem a números "bastante altos", mas o spread é "a menor parte dos três, podendo-se dizer até que, no caso brasileiro, é marginal, considerando-se juros de 700% ao ano", afirmou ele. A solução para o problema das altas de juros, fonte de reclamações gerais do empresário — principalmente dos pequenos, médios e microempresários — seria, segundo Temporal, "a diminuição de custos em geral e o ataque frontal ao aumento da inflação".

"Ou bem controlamos o apetite voraz do governo e diminuímos o déficit público ou não vamos resolver o problema" — disse.

## AMATO

O tabelamento do spread bancário deverá ter o mesmo futuro do congelamento de preços feito no ano passado: não será cumprido na prática.



Temporal: medida impossível

ca. Foi o que previu ontem o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato. "Eu faço votos de que esse tabelamento dê certo, mas acho que, da mesma forma que ocorreu com o congelamento de preços, agora o dinheiro também pode desaparecer do mercado, isto é, os bancos vão cortar os créditos, pois não vão querer correr riscos de emprestar com spread tão baixo. A mercadoria, desta vez, é o dinheiro."

Quanto às demais medidas anunciadas ontem pelo governo, como o incentivo às pequenas e médias empresas, Mário Amato disse que eram exatamente o que pediam os empresários e o que defendia a Fiesp. "Nós pedíamos estes incentivos, pois o pequeno e médio empresário não tem culpa de ter entrado num negócio que não deu certo e agora ficar com a broxa na mão", comentou o presidente da Fiesp, referindo-se ao malogro do Plano Cruzado.

## PRODUTORES

Em Porto Alegre, enquanto as lideranças rurais gaúchas consideram que as novas medidas para a agricultura não resolverão os problemas dos produtores, sendo que o diretor da

Federação da Agricultura (Farsul), Camilo Cottens, salientou que "o que estão fazendo é adiar a morte do moribundo", o presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas Agrícolas, Roberto Penteado, acredita que as medidas poderão reanimar os produtores a fazer investimentos, com reflexo positivo nas vendas do setor.

Para Camilo Cottens, as medidas são apenas "protelatórias" e só servem para "tapar o sol com a peneira". Segundo ele, os produtores estão enfrentando sérias dificuldades financeiras e a decisão de reduzir para 50% a correção monetária sobre os créditos de investimento contratados após o Plano Cruzado não resolve o problema porque "simplesmente, o produtor não tem dinheiro para pagar suas dívidas".

No seu entender, a solução é a extinção da correção monetária ou a moratória dos produtores. Ele não concorda, de outro lado, que apenas os pequenos e mini produtores tenham prorrogado os prazos de pagamento de seus débitos: "Isto, além de ferir o princípio da isonomia, de que todos são iguais perante a lei, não leva em consideração que foram os médios e grandes produtores que mais investiram durante o Plano Cruzado".

O diretor da Farsul também é de opinião de que não adianta elevar a exigibilidade de aplicação em crédito agrícola por parte dos bancos porque "não resolve aumentar o limite de recursos se os juros continuarem elevados". Para ele, o governo, mais uma vez, esqueceu que o importante para o produtor é ter uma política agrícola definida para que ele possa se programar com tranquilidade.

Já o presidente da Federação das Cooperativas de Arroz (Fearroz), Homero Pegas Guimarães, é de opinião que as medidas apenas representam uma compensação: "Diminuí os juros e a correção monetária, mas controla os aumentos de preços pago ao produtor. Na prática, isto não resolve o problema porque vai se produzir mais barato, mas vender também mais barato". Acrescentou que de nada adianta ter financiamento subsidiado se o preço não é o adequado.